

GISÈLE SANTORO

PAIXÃO PELA DANÇA EM PRIMEIRO LUGAR

Márcia Vitória
Da equipe do **Correio**

Ela queria ser escritora. Aos 15 anos, escreveu o primeiro romance, *Eu e o Mar*, que nunca foi publicado. O pai se esforçava para que fosse pianista, mas a paixão a levou ao encontro da dança. Mesmo com a flexibilidade comprometida pelo tétano, aos oito anos de idade, Gisèle Loise Serzedello Corrêa Santoro não abriu mão do sonho.

Contrariando a vontade da família e as expectativas, venceu obstáculos físicos e chegou aonde queria. A menina tímida, que aos seis anos já se apresentava em concertos no Rio de Janeiro, acabou se transformando numa coreógrafa respeitada em todo o mundo.

Pela Academia de Ballet e Artes Cênicas Gisèle Santoro, fundada em 1980, passaram muitas bailarinas da cidade. Até 1º de agosto, Gisèle está envolvida com a nova edição do *Seminário Internacional de Dança de Brasília* — evento único do gênero no mundo. Realizado, geralmente, no mês de julho, reúne profissionais de várias partes do planeta e alunos de todo Brasil. Desde 1991, além de prêmios em dinheiro, o festival concedeu mais de cem bolsas de estudos e estágios para jovens bailarinos. Muitos acabaram sendo contratados por companhias européias, como Ópera de Viena, Ópera de Zurique, Ballet de Nancy e Ópera de Dresden.

Este ano o seminário é dedicado à memória do compositor e regente Claudio Santoro (1919-1989), marido de Gisèle por 26 anos. Quando se conheceram, em 1962, foi amor à primeira vista. Era casada há um ano com o músico Oscar Castro Neves, com quem se apresentou, em 1960, no primeiro show de bossa nova promovido pela TV Record. Além de dançar e tocar piano, Gisèle cantava. Chegou a interpretar algumas músicas com a cantora de jazz brasileira Flora Purim. "Oscar era uma pessoa

maravilhosa, um ser humano como poucos", diz.

A admiração e o respeito que sentia pelo primeiro marido não foram suficientes para frear a paixão que começou quando Gisèle veio a Brasília junto com outros bailarinos da companhia carioca de Eugênia Feldorova, a convite de Claudio Santoro. "Fiquei impressionada com a música dele", lembra. Era a segunda vez que Gisèle vinha a Brasília. Dois anos antes, no dia da inauguração da cidade, se apresentou no Congresso Nacional com o grupo de balé do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

De volta ao Rio, contou para o marido o que estava sentindo. "Se fosse mulher eu também me apaixonaria por ele", respondeu Oscar Castro Neves. A separação não demorou a acontecer. Quando viu o sofrimento que estava causando, Gisèle tentou suicídio. Tomou um vidro de tranqüilizantes que a deixou três dias internada no hospital Miguel Couto (RJ).

AUSÊNCIA

Recuperada do choque, resolveu assumir a paixão. Poucos meses depois estava vivendo ao lado de Claudio Santoro, com quem se casaria 20 anos mais tarde, sob as bênçãos dos três filhos que tiveram juntos. "Minha vida com Claudio era completa. Dividíamos tudo, mas o que mais me emocionava e o que ainda me dói na sua ausência, é saber que não vou mais ouvi-lo compor".

Quando teve que abrir mão do cargo de coordenador de assuntos musicais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, na época da repressão, Claudio Santoro, comunista de carteirinha, foi para Berlim, onde ficou por um ano. Gisèle foi junto. Como a situação não melhorava no país, sofrendo pressões e perseguições em todas as atividades que empreendiam, resolveram se fixar na Alemanha. "Fui primeiro com meu filho caçula. Os outros dois, com três e cinco anos, demoraram cinco meses

Ronaldo de Oliveira



ENTRE A MÚSICA E A DANÇA

O pai de Gisèle Santoro fez tudo para que ela se tornasse pianista. Aos seis anos, Gisèle Santoro já participava de concertos, no Rio de Janeiro. Mas a atração pela dança falou mais alto. Teve que vencer outros obstáculos para se firmar como bailarina e coreógrafa.

Mila Petrillo 22.9.88



CASAL UNIDO

Em setembro de 1988, ao lado do maestro e compositor Claudio Santoro, com quem viveu durante 26 anos, e que é homenageado nesta nona edição do Seminário Internacional de Dança.

para conseguir o visto. Minha filha parou de falar com a avó porque acreditava que ela estava impedindo nosso encontro".

Em Schriesheim, cidade de seis mil habitantes, além de cuidar dos três filhos, montou escola de dança e música e, algum tempo depois, se tornou diretora de balé do Teatro Municipal de Heidelberg (Alemanha). "Meus filhos sempre participaram de tudo. Todos

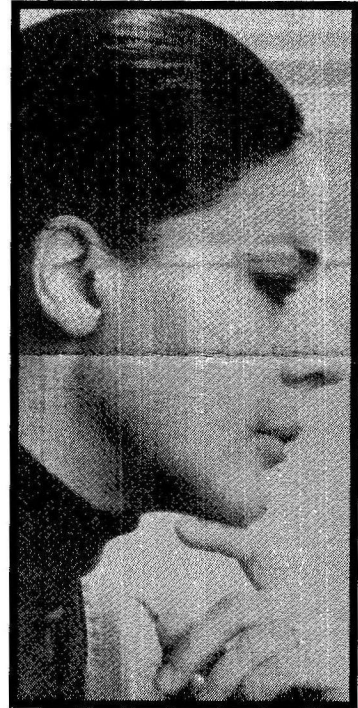
aprenderam dança e música e cuidavam de tudo em casa", diz. Enquanto Gisèle trabalhava no teatro de manhã, se dedicava à escola de dança à tarde, Claudio Santoro, professor da Escola Superior de Música de Mannheim, tinha mais tempo livre e cuidava do almoço e dos filhos.

A volta ao Brasil aconteceu em 1978, um ano depois que estiveram em Brasília para o casamento de um irmão de Gisèle.

Era época de abertura política e o casal recebeu proposta irrecusável. Claudio Santoro foi convidado a criar a orquestra sinfônica e organizar a estrutura interna do Teatro Nacional. Gisèle se sentiu estimulada a fundar a escola de dança. "Brasília era um assunto malresolvido em nossas vidas. Era o filho que tivemos e não pudemos criar".

Agitada, inquieta e obstinada, Gisèle muitas vezes é pura

Divulgação



PRIMEIROS PASSOS

A jovem Gisèle dançou na inauguração de Brasília

austeridade. Que o digam as alunas. Mas bastam alguns minutos de aproximação, um olhar mais atento, e é possível ver a menina meio assustada e meiga, movida pela intensa paixão pela dança. Ela se emociona e chora quando vê no rosto dos bailarinos de hoje a promessa de realização e felicidade quando conseguem bolsa de estudo para aprimorar o aprendizado.